

## HITUPMÃ'AX: CURAR<sup>1</sup>

Marta Catunda

**P**ode a medicina convencional oferecer remédio a todos os males e, atrás de todas as doenças haver uma infinidade de substâncias, da indústria de fármacos. Em princípio, isso é bem diferente de cura. Cura, para os índios maxakali, compreende uma questão cultural, a territorialidade mais vasta da dimensão cosmogônica. Médicos, enfermeiros e agentes de saúde da FUNASA, com sua rotina de procedimentos, estão bem afastados do entendimento dessa ordem natural. Para esse povo, cura pressupõe uma teia de relações em que estão urdidas as diversas forças cósmicas e entidades espirituais xamânicas que envolvem o próprio doente, o pajé, a parteira, o sábio, o curandeiro. Todos enlaçados nos fios dessa teia que trama e comunga o complexo processo que leva à cura.

O Livro de Saúde Maxakali, uma edição belíssima, cuidadosa e ilustrada com desenhos, vivas expressões de sua cultura, somente poderia ser naturalmente escrito pelos próprios maxakali. E é isso que fazem os líderes natos de diversas aldeias, todos estudantes do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas da Faculdade de Letras (FALE) UFMG. São eles Rafael, Pinheiro, Isael, Suely, Mamey e Totó Maxakali que apresentam essa obra com um comovente apelo:

Nós queremos que todo funcionário, a partir de hoje – que nós estamos fazendo este livro -, só seja contratado depois de ler este livro, que só depois de aprender a tradição Maxakali e respeitar, ele comece a trabalhar.

Maria Inês de Almeida, Coordenadora do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literárias da UFMG, teve o cuidado de organizar e a sensibilidade de elaborar e concretizar essa obra de ensinamentos. Ou seja, soube ampliar o espaço acadêmico

---

<sup>1</sup> MAXAKALI, Rafael et al. Organizado por Maria Inês Almeida da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: Cipó Voador, 2008. 268 p.

\* Pedagoga, Pesquisadora e Arte Educadora do Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso MACP/UFMT, mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, doutoranda do Doutorado em Educação da Uniso, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP.  
E-mail: [marta\\_catunda@hotmail.com](mailto:marta_catunda@hotmail.com); [martacatu.nda@gmail.com](mailto:martacatu.nda@gmail.com)

na medida exata do urdimento dos valores mais íntimos, expressões da verdade da cultura em questão. Ela construiu a interação da academia na teia, inseriu o saber universitário, sem ferir a forma do sentir e do expressar maxakali, conferindo, ao contrário, maior força literária deixando o contexto fluir em sua *poiése* e, assim, providenciando a química reveladora do que pode ser a expressão mais autóctone desse povo. Providenciou um projeto de Laboratório de Escrita e Tradução de Textos Indígenas. Contou com o apoio de Carmem Tereza Lopes, secretária do Meio Ambiente do Município de Sabará, Minas Gerais, e do Conselho Nacional de Pesquisa, CNPq, e, ainda, da Diretoria da Faculdade de Letras da UFMG.

A partir daí, foi possível desvendar e compor com fidedignidade a forma e a fôrma e, assim, revelar a trama que envolve a saúde indígena. Nesse sentido, com certeza é obra exemplar para todos os médicos e agentes de saúde ligados ao tema. Maria Inês Almeida afirma: “o que desejamos é que, como água limpa, este livro sirva para depurar as formas, de modo que possam fluir com graça e alegria” (2008, p. 11). Apurar e coibir equívocos comuns. Para tanto, o livro apresenta um encadeamento literário em três colunas, acolhido do pensamento da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931/2008), conhecida pela negação da escrita representativa, entremeada por inserções de caracteres tipográficos diferentes, espaços em branco, traços que dividem o texto, perguntas de retórica. Destacase na ficção contemporânea, por sua originalidade, marcada por uma escrita caudalosa, intensa e surpreendente.

O sistema de três colunas funciona da seguinte maneira: a terceira orienta as demais, funcionando como um índice remissivo. A primeira coluna traz a língua original, a segunda, a tradução para o português, mas, que não se engane o leitor mais afoito, não se trata de uma mera transposição de uma língua para outra. Daí, na página 241, encontramos o Guia de Pronúncia que nos convida a nos iniciarmos na sonoridade dessa língua brasílica.

Os autores constataram que há uma imensa dificuldade da equipe que trabalha com saúde indígena da FUNASA de se entrosar com a cultura maxakali, o que começa com a própria língua, tornando essa rotina incoerente ou distante das reais necessidades desse povo. Além disso, não aceitam a mera medicação sem o acompanhamento do doente, e estão cientes da necessidade de ter água tratada, remédios e um posto de saúde que os atenda permanentemente.

O cuidado, o primor da organização, a atenção dos apoiadores, o empenho dos autores torna essa obra imperdível do ponto de vista da integração cultural que proporciona - afinal, este é o papel singular da verdadeira educação.